



JORNAL RELIGIOSO, POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS FEIRAS E SEXTAS.

Redactor e editor responsavel — O Bacharel ANTONIO MARIA PINHEIRO FERRO.

Assignatura para a cidade — Anno 400 rs. — Semestre 240 rs. — Para as provincias — Anno 800 rs. — Semestre 480 rs. — Folha avulsa 5 rs. — Anuncios 25 rs. por linha — repetição 20 rs.

SEXTA FEIRA 18 DE AGOSTO

BRAGA 17 DE AGOSTO

Dá-se como certo a proxima dissolução do ministerio.

Dois partidos declararam-lhe guerra sem treguas, guerra de morte.

Alguns dos representantes da nação, emquanto se não tinham sentado no parlamento, fingiam-se amigos do governo, e eram por este propostos com o carimbo governamental. Chegados, porém, ao logar suspirado, rebellam-se immediatamente contra a mão que os tirára da obscuridade, e á sombra d'um pretexto ridiculo, desafivelam as mascaras e declaram-se inimigos.

Estes ridiculos farçantes, estes homens sem pundonor e sem dignidade, devem ser manietados ao pelourinho do ridiculo e votados ao desprezo... Não somos defensores do governo, nem apologistas da opposição. Censuramos e louvamos uns e outros, segundo o merecerem os seus actos. Condemnamos este acto velhaco, que repugna a todo o homem que olha estas scenas de desperdicio com a frieza que a indiferença sugere.

O que nos faz dar por paus e por pedras é o sr. de Bolama, depois de tantos annos de vida publica, ainda desconhecer os seus amigos e deixar-se pilhar na cavillosa esparrela dos industriosos tartufos!!!!!!!

Esta para nós é incomprehensivel.

E a acção que esses homens acabam de praticar é indigna e infame; é até onde póde chegar a desfaçatez e desvergonhamento!

O tribunal da opinião publica já os sentenciou devidamente.

— Os ministros foram, na passada semana, chamados a capitulo, e eis porque os jornaes começam a entoar as elegias funebres ao ministerio, que, dizem, se extorce nas convulsões da agonia; mas os sons elegiacos crispam os nervos aos aduladores e acidulam mais e mais a existencia transitoria d'esse governo a que preside o nobre marquez d'Avila.

Na realidade parece que a hora do passamento se aproxima, e esse simulacro de governo tombará no abysmo do esquecimento.

Nas dobras da sua mortalha irá escripta a sua condemnação.

Não terá um monumento que atteste ás gerações vindouras a sua passagem execranda, porque os que se dizem amigos abandonal-o-hão na queda; desadoral-o-hão para queimar insenso ao novo Baal que o substituir.

Porque a ambição é que domina e subjuga esses politicões *desinteressados*.

Porque a coherencia, o pundonor e a logica são palavras occas de sentido, se não desconhecidas, para os apregoadores de patriotismo.

Porque o codigo dos thuriferarios ordena a adoração ao sol que nasce e o menosprezo ao que declina.

Porque, finalmente, o povo, esperançado nas cebolas do Egypto, ainda dormita sobre os estofos do silencio, e descança nos frouxeis d'uma sisudez desmedida e perniciososa.

O ministerio que o substituir deverá ter tanto valimento como este. D'aqui se prova que este terreno é sáfaro em demasia para o systema que actualmente nos rege.

Aonde está, pois, a salvação?

Dicunt Paduani.

O OPULENTO E O ARTISTA

Vêdes ao longe aquelle trem faustoso que desaparece entre nuvens de pó?

E' o palacio ambulante do opulento, onde elle se recosta com um sorriso de menosprezo nos labios.

Vêdes aquelle homem que caminha além, com o rosto e as mãos sujas do trabalho, como que vergado sob o peso d'uma ideia que o atormenta?

E' o artista, é o filho do trabalho que vae pensando na esposa querida e nos filhos infelizes.

Vêdes aquella casa esplendida, cheia de luzes e perfumes? Vêdes a gente que passa e perpassa nos seus vastos salões, o piano que desprenhe harmonias, o doudejar da walsa que prostitue tanta grinalda? Vêdes este céo, este goso infindo?

E' o dinheiro do opulento, que se esvae em

desperdícios e prodigalidades; é o eden perfumoso do homem rico.

E agora vêde que contraste.

N'aquella casa humilde, que só respira pobreza, n'aquelle tecto negro e pobre, sabeis quem habita? Um pobre artista que, falto de meios e recursos, lança de vez em quando olhares de tristeza por sobre a familia que o rodeia.

E' assim este valle de prantos chamado mundo.

Para uns, flor a recender aromas, estrella radiosa apontando o eden dos prazeres, crysol onde se purificam crimes vergonhosos!

Para outros, flor que pende murcha no myrrado hastil, estrella luminosa, escurecida sempre por nuvem negra, piscina a trãsbordar fel e veneno!

Hão de perguntar alguns, quando lerem o que está escripto: «e que queres tu miseravel utopista? Querias uma sociedade composta, unica e exclusivamente d'homens ricos? Querias-a composta sómente de pobres?»

Não, não queriamos isso, porque não aspiramos á realisação d'absurdos.

Queriamos que o rico estendesse com franqueza a mão ao pobre, que vive immerso n'um lidar continuo; queriamos que o opulento se lembrasse do dinheiro, para fazer boas acções, para levantar o artista honrado que se deixa esmagar pela força da fatalidade; queriamos em fim que o filho do fausto, dissesse ao passar um pobre: aquelle é meu irmão!

Porque não hão de tambem acabar, d'uma vez para sempre, esses estolidos preconceitos, que firmam o seu pedestal d'orgulho, em argilla de sangue azul?

Nos seculos passados, n'esses tempos de superstição, d'ignorancia geral e servilismo vil, não admirava a tolerancia d'elles; mas hoje, em pleno seculo XIX, custa a crer no que vemos

E' dever nosso esclarecermos este ponto.

Nós não queremos a extincção da nobreza, sabemos que a sociedade não póde existir sem estas distincções; mas o que não soffremos, o que nos causa tedio e asco, é a superioridade fundada apenas na côr do sangue.

Queremos dizer com isto, que se admittimos *classes*, não toleramos *raças*, entre um povo filho do mesmo tronco.

Chamem-nos tolos, ou qualquer outra cousa, pouco nos importa o novo baptismo.

E mudará isto algum dia? Não o sabemos.

Vae pois caminhando sempre por esse trilho, pobre e infeliz filho do trabalho!

Vae... té que um dia as luzes da instrucção te esclareçam a intelligencia, a ponto de tu comprehenderes que és tão livre como o rico que adormece sorrindo ao som d'alguma ballada que mão femenil preludia no piano. Caminha sempre com os olhos fixos no horrisonte do futuro, e n'aquellas memorandas palavras de Pelletan:

Le monde marche! * * *

Negro capuz o rosto lhe encobria...

.....
que era parvo e só parvo, elle dizia.

* *

Braga foi, na verdade, muito feliz com a trovoada do sabbado. Como tem chovido continuamente, os *tortulhos* começam a nascer com tal abundancia, que é mesmo um louvar ao Senhor. Ainda ha pouco havia um só *tortulho* chamado Eusebio das Chagas do Espirito Santo, e hoje já temos outro, que chamaremos Eusebio 2.º, e não um *typographo na disponibilidade*. *Agradecemos profundamente* a lembrança do sr. Eusebio 2.º; mas attendendo á falta de trabalho que persegue um tão bom *typographo*, nós faremos todas as diligencias para empregarmos tão excellente *acrescentador*.

Coitadinho do menino!

Doe-lhe muito a farida causada pelo artigo de fundo do n.º 7 do *Artista*? Pobre mocinho, que pena nos causa o seu soffrimento!

Onde é a *chaga*? No calcanhar? E para que escouceou tanto?

Agora o remedio é ir a um ferrador, para lhe cravar umas ferraduras nos *espirituosos* calcanhares! É tão engraçadinho, nas suas *correccões*, o sr. Eusebio 2.º! O menino quantos annos tem?

Ora abra um pouco a bocca... assim, assim... que formosa dentuça!

É muito *novinho*; mas comtudo já *atira* soffriavelmente.

Então o nosso bom Eusebio 2.º, deixa-nos o *feras*? Pensa que regeitamos?

Nada, não cahimos n'essa; fique lá o sr. *diminuidor* com os *cornos*, que nós não teremos duvida em acceitar o *feras*.

Ora diga-nos, sr. *disponibilidade*, porque não hade ser *sustae*? Quer por força que seja sustende? Mas o sr. é um ente *disponivel*, isto é, de que se póde dispôr, e por consequencia hade consentir que o agarremos pelas orelhas para o obrigar a procurar o verbo *sustar* no dictionario.

Então, achou?...

Comprehendeu agora, sr. *corneta*? Então a busina só *serviria para não deixar ouvir o Artista*?

Que pateta não é este sr. Eusebio 2.º! Então o sr. Eusebio só toma por busina a sua bocca? Nunca viu uma busina nautica? Pois meu bom senhor, compre um dictionario por pouco dinheiro, e depois um freio para a bocca, que para outra occasião fallará com mais acerto. Quer que seja *Marquez*? Pois bem, seja. E visto que o sr. *disponibilidade* é um objecto de que se póde dispôr, consinta, ainda outra vez, que o recommendemos ao nobre *marquez*, como um achado *precioso*, um diamante d'*alto preço*, e um parvo, *companheiro* d'outro parvo egual.

Bem diz o dictado: *quem tem vagar faz colheres*.

O sr. Eusebiosinho, como está na *disponibilidade*, vae dispondo da sua *importancia* (com cifras

sómente) já que ninguém se quer aproveitar dos seus serviços.

Isso é que é andar a . . . *trote*, sr. Eusebiarrão.

Continue, pois, o sr. *nobliarchista* na sua *importantissima* tarefa de revisor *grandeza*, (procure esta palavra nas noções preliminares da arithmetica do sr. Couceiro, e verá, pela definição que elle dá d'ella, que lhe está mesmo a proposito este novo apellido) que nós lhe confessaremos e tributaremos sempre profunda gratidão. Não queremos dizer com isto, que havemos responder a todas as suas burricadas, isso não, que o tempo é precioso e nós não o queremos perder com a *disponibilidade* de s. s.^a. Póde *zunir* ou *zurrar á vontade*, que não nos incomoda.

Até um dia, sr. *mandrião*.

D'um tal sr. Osorio do Espirito Sancto, recebemos a seguinte carta, que gostosos publicamos.

O sr. Osorio que se encarregue da educação do sr. Eusebio; porque nós temos mais que fazer.

Já Socratas dizia: *Si un âne, en passant, me donnait un coup de pied, il faudrait me mettre en colere?*

Eis a carta:

Tu és os meus peccados, Eusebio.

Pois tu que tanto geito tinhas para lavar um campo, tu que fazias invejar-me a força dos teus robustos braços, tu que tanto gostavas de piscar o olho ás moças da freguezia, tu, Eusebio, tu feito es criptor publico?!

Sabes o que me diz por cá o sr. cura? «deixe lá o rapaz, homem, elle tem habilidade para as letras.»

Qual habilidade, nem qual diabo, sr. cura!

«E o que lhe digo; e a prova está alli no *Bra-carensé*. Veja como elle falla em grammatica, em lér por cima e soletrar, em agricultura, em»

Mas olha, Eusebio, apesar do palavriado do sr. cura, eu sustento que tu és um pateta muito grande.

E ninguém me diga que não. Eu conheço-te, mocinho, lembro-me ainda do dinheirinho que gastei para vêr se fazia de ti um abbade; mas tu teimaste e inclinaste para os bois, e eu . . . deixei-te, rapaz, deixei-te . . .

Quem te metteria agora essas ideias na cabeça? Admiras-te da pergunta?

É porque és um pedaço d'asno muito grande, ou então não és o meu Eusebio das Chagas do Espirito Sancto. Quem te ensinou, pois, a dizer cousas tão lindas? Seria algum politico lá da terra, affeição-do ao governo? Mostras tanto empenho em defender o ministerio actual! . . .

Valha-me nosso Senhor, rapaz; tu has de dar commigo . . . eu sei lá onde? . . .

O Espirito Sem Chaga, o teu primo, rapaz, o

teu primo, disse-me que se lhe perguntasses se lia por cima, que te respondia assim: «quando tu estás a lér eu leio sempre por cima.»

Que quer dizer isto, Eusebio?

Pergunta lá ao teu seductor, se elle sabe responder a isto, sim?

Senão, olha Eusebio, não perguntes nada, anda para casa onde todos te esperam anciosos.

Se soubesses, Eusebio! . . .

Olha: quando vou de manhã á côrte, fico triste como uma arvore sem folhas, ao vêr e ouvir os mugidos dos pobres animaes.

O touro preto, quando eu vou a entrar, começa logo a mugir, e parece dizer: Eu . . . se . . . bio . . .

O branco, pobre animal, abre muito a bocca, e parece dizer: Cha . . . gas . . .

O malhado, isto sim que é um boi ás direitas, o malhado, repito, põe assim a bocca, olha assim rapaz, a modo d'um funil, e parece que diz: Es . . . pi . . . ri . . . to . . .

E a burra branca? Ai, Eusebio, que essa corta o coração, arranca lagrimas amargosas como uma landra! Essa, quando me vê, começa logo aos couces, aos saltos e aos urros, que pareces tu quando eras ainda creança.

Vês, rapaz, todos te estimam, todos te querem tanto como eu, Eusebio da minha alma.

Tu é que és um ingratação como uma dorna.

Pois não é assim? Qual é o filho que, para servir de instrumento, abandona e esquece o seu papá, que lhe quer como ás meninas dos olhos? Só tu e ninguém mais. Anda para casa, *Eusebiosinho*, vem comer ameixas e peras, e deixa lá a grammatica, que não te offerece vantagens.

As ameixas aqui não te custam dinheiro, rapaz, e ahí ninguém as dá de graça. Por fallar em ameixas, tu ainda gostas d'ellas como d'antes?

Quem sabe, se tu não estarás a escrever por algum pataco que te deem para ellas?! Mas isso é uma vergonha, Eusebio, tu és um ricasso, e por isso não precisas d'esmolar ameixas ou outra cousa. Ó Eusebio, cede ao meu pedido, vem vêr o teu quarto como está fresco e pintadinho de novo: anda para a minha companhia e verás como engordas.

Deixa lá essas cousas e tricas, Eusebio. Adeus, nós cá te esperamos; não faltes.

Teu pae, que
não é tão parvo como tu,

Osorio do Espirito Sancto.

CORRESPONDENCIAS.

Snr. redactor.

Tendo lido no periodico — *O Artista* — de 11 do corrente, sobre a epigraphe — *boato* —, a noticia da minha transferencia, sou a rogar a v. em

virtude da lei, se sirva mandar inserir no primeiro numero a publicar do seu periodico o artigo abaixo escripto, pelo que me confessarei

De v. etc.

Braga 16 agosto 1871.

José Maria Tristão.

Sou a rogar ao bem informado noticiario, que annuncia a minha transferencia em resultado da ultima inspecção, se sirva declarar o erro em que fui encontrado, para merecer essa transferencia: posso assegurar a tranquillidade da minha consciencia, ainda mesmo quando verdade seja o que se diz d'um menos exacto assento, no livro de matricula, sobre a epigraphe — designação do estado civil —; mas quando assim tenha acontecido, era o sr. tenente coronel Lermont o responsavel pela exactidão d'esses assentos, por terem sido lançados quando major do regimento, e n'esse caso seria elle e não eu o transferido. Sendo tambem possivel que o annuncio não passe de desejos, devo prevenir, que, sendo-me pouco agradavel o ver assim publicado o meu nome, ainda mesmo com a distincção de tratamento que por titulo algum me pertence, estimaria não ser provocado a sair do silencio em que me tenho conservado, publicando e provando os motivos d'esses desejos.

José Maria Tristão,
major d'infanteria 8.

(Segue-se o reconhecimento.)

NOTICIARIO

Rectificação. — Como tivéssemos recebido um telegrama em que se nos dizia ter morrido a mãe do sr. dr. Antonio Maria Pinheiro Ferro, entendemos que era dever nosso, confessarmos os nossos sentimentos a s. s.^a. Mais tarde, depois da entrega do jornal, recebemos outro em sentido contrario, e como já não podéssemos remediar o engano, apressamo-nos agora a fazel-o, pedindo desculpa ao publico e ao sr. dr. Ferro, da falta (se assim se póde chamar) em que encorremos tão involuntariamente.

Sabemos que a mãe do sr. dr. Ferro, ainda está gravemente enferma; mas julgamos que o seu restabelecimento será prompto e feliz. Damos os parabens ao nosso illustre mestre e amigo.

Festividade. — Tem de festejar-se, no dia 10 de setembro, na igreja do Salvador a imagem de Santa Philomena, e a do Senhor dos Trabalhos. Na vespera haverá fogo do ar e leilão de prendas, em beneficio das ditas imagens.

Trovoada. — Cahi sobre esta cidade, no sabbado á noute, uma medonha trovoada, que causou serio receio. Na capella de Santa Maria Magdalena, cahi uma faisca, que dizem ter causado alguns estragos. Consta ter cahido outra na rua da Escoura.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para o *Artista* deve ser dirigida para o Café Vianna, de baixo da Arcada. Fica auctorizado Antonio J. da C. Vianna, para receber as assignaturas e passar os competentes recibos.

ANNUNCIOS

Quem precisar d'um *typographo*, na disponibilidade, falle com o sr. Eusebio 2.^o morador n'uma casa *disponivel*, sita na rua da *Disponibilidade*. Garante-se comportamento *disponivel* e loquela na *disponibilidade*.

PHOTOGRAPHIA

Francisco Ribeiro de Carvalho, natural d'esta cidade, participa ao respeitavel publico que continua a trabalhar no estabelecimento photographico, que pertenceu ao seu bemfeitor e amigo o fallecido padre Mathias Antonio de Magalhaes, na rua do Souto, e por isso espera que os amigos e freguezes do seu bemfeitor, continuem a honrar e proteger este estabelecimento, onde serão satisfeitas as encomendas com a mesma perfeição e punctualidade, como no tempo do seu antigo proprietario. (6)

CAFÉ VIANNA

O proprietario d'este estabelecimento, pede a todos os seus amigos e freguezes, que queiram continuar a honral-o com a frequencia no seu estabelecimento, o especial obsequio de serem servidos na sala do Bilhar, ou de tarde, no *Chalet*: isto desde o dia 1.^o d'agosto até se concluir as obras do salão do mesmo Cafe. (2)